

África: Literatura, Arte e Cultura, Vol. II, n.º 7, janeiro-março de 1980, p. 228-231

Fala em voz baixa com Agostinho Neto*

An death shall have no domination
Dylan Thomas

Um punho e uma lágrima
embargam a minha voz
ensaiada pela décima
e última última vez

Uma vez encontrámo-nos no Arco do Cego, no Conde Redondo, em Gomes Freire. Mais precisamente no Arco do Cego, do Arco do Cego à Estefânia. Uma vez, não. Várias. Dáskalos, Bernardino, dois nomes próprios, apelido de uma só família. Faz um esforço e lembra-te.

Mário, António, Pequito
e Eu estamos de luto
Ontem foi dia de festa
franco indício de esperança

Faz um esforço e lembra-te. Esperança, não a sagrada na tua voz e mãos, mas aquela que na pensão de esquina estendia a toalha e os pastéis de bacalhau antes de cobrar dos comensais no princípio de cada mês. Antero comendo e protestando com razão. E Alvarinho, também, chegado mais tarde e que se sentou ao lado do Engenheiro.

* Incluído depois em AA.VV. – *Um postal para Luanda*. Lisboa: Vega, s/d, pp. 66-68.

Hoje é hora de lembrança
dor de memória curta
mão estendida e triste
rostos enxutos calados

Pois uma lágrima apenas, em nós, não chega para turvar a voz. Os que sofreram são mais que os mortos. Não é possível. É. Os mortos enterram-nos os vivos. Sofrem. Lúcio, houve quem me dissesse que chorou. Mas enquanto falava.

Áfricas de todo o mundo
uni-vos Falai gritai
O negro spiritual
sai do claustro para a nave

Nas escadas da frontaria da Sé de Lisboa fazem-se fotografias de casamento. E a todas as meias horas os sinos soam no Aljube. E os pombos voam fora da nossa vista. *Faz um esforço e lembra-te.*

Voo foram as muitas vozes
reescritas sem espaço
nas paredes dessas celas
falsa paz ante guerra

Espiaram-te noite e dia. Nós, subversivos, nada dizíamos. Conspirámos. Resistimos. Eram eles os nossos únicos inimigos. Repito: os únicos. Coragem e ameaça, dois gumes de uma só língua. Silêncio. "Fale, doutor, isto é um interrogatório." "Já percebi." "Então fale!"

Silêncio é filho de arma
armadilha ou juramento
sorriso de ardósia e giz

voz plena em tribunal

Na cadeia da PIDE do Porto, tão longe de Lisboa como de Luanda, dizem que enfrentaste a morte solitária olhando de dentro e cada vez de mais perto as lápides e jazigos do cemitério do Prado do Repouso. Tão belo nome para tão triste sítio. *Faz um esforço e lembra-te.*

Veste despe veste a bata
médico que é poeta
tem divisas de enfermeiro
e farda de guerrilheiro

Perdi-te de vista, mas não a pista. A pista pausada do teu passo, do teu gesto-palavra, palavra-acção, a revolução dos teus. A catana e a clavina, a Lírica de Camões. Atento, amante da pesca, entre areias e capim.

Coronha de carabina
voo de gaivota pousado
nesse teu ombro direito
o esquerdo reservado
para a mão do companheiro

Mão que toma o pulso e apalpa o fígado, o Arménio continuou a dar-me notícias tuas. Até que um dia foi a custo. Ele sabe melhor que eu o que é a morte. A tua. E as que hão-de vir. Ele reconhece mas não cita, comovido, a versão de Guillén: *“Los grandes muertos son inmortales: no mueren nunca. Parece que marchan etc.”* Um punho e uma lágrima embargam as nossas vozes *“... árbol cargado de plumas y de nidos.”*

Pássaros aves e cantos
prantos minuto de silêncio
uma bandeira a meia-haste
uma fala em voz baixa

Faz um esforço e lembra-te. Eu não me recordo nem onde nem quando, se no primeiro ou último abraço depois do Alvor, mas penso, e ainda hoje ouço, que disseste bem alto para que se ouvisse *não* às pátrias arbitrarias.

Orlando da Costa